

RODADA ADIADA

ECONOMIA A conclusão das negociações de Doha emperra, por conta da crise global dos alimentos e das eleições nos EUA

POR MÁRCIA PINHEIRO,
DE GENEBRA*

A última reunião da Rodada de Doha, da Organização Mundial do Comércio (OMC), não deve acontecer em 23 de maio, em Genebra (Suíça), conforme agendado. Tampouco ocorrerá neste ano. Esta é a avaliação da maioria dos técnicos que trabalham no documento final do acordo, para que tudo esteja pronto quando os ministros de Estado se reunirem.

Há três motivos básicos para o atraso. Com a crise global dos alimentos, perderam força os países desenvolvidos que dependem dos produtos exportados pelos emergentes. O jogo está mudando na OMC. Não há consenso entre os 151 integrantes da organização em relação à redução das tarifas de exportação. Nos discursos, a União Européia e os Estados Unidos acenam com a queda substancial dos subsídios agrícolas que praticam. Em troca, querem a abertura dos mercados emergentes ao setor industrial e de serviços. Há um claro impasse.

Se a reunião ocorrer em maio, não há hipótese de acontecer em junho. O evento teria de disputar espaço com a Eurocopa, o torneio de seleções, intercontinentais que será sediado por Suíça e Áustria. Genebra é uma cidade pequena, de 180 mil habitantes, e todos os hotéis estão lotados para o campeonato de futebol. Por último, e mais importante, há grande chance de os atuais negociadores norte-americanos serem substituídos ante a enorme possibilidade de um democrata, Barack Obama ou Hillary Clinton, vencer as eleições presidenciais em novembro.

Oficialmente, os representantes dos Estados Unidos continuam a manter a pose. O embaixador do país na OMC, Peter Allgeier, insiste na tese

de que, com a globalização, não há saídas além de mais abertura comercial. "O velho modelo de substituição de importações não mais funciona", afirmou em seminário promovido pela Fundação Friedrich Ebert Stiftung, em parceria com a OMC, em Genebra. Fez apologia dos processos de terceirização e deslocalização das indústrias para países onde a mão-de-obra, os impostos e as leis são menos rígidos. Allgeier foi representante comercial dos EUA entre 2001 e 2005 e é um homem de confiança de George Bush.

Segundo o embaixador, qualquer barreira é ineficiente, resulta em perda de tempo e dinheiro. E enfatizou que os países em desenvolvimento são relutantes em abrir o setor de serviços, principalmente telecomunicações e bancos. "A falta de tecnologia põe as economias em xeque", disse. E citou a infra-estrutura e os marcos regulatórios como exemplos de riscos para a Ásia e o Brasil. Em troca de tal abertura, promete reduzir a tarifa máxima dos produtos agrícolas americanos de 58% para 10%. O ministro das Re-

lações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, não teria dado declarações tão duras recentemente se a proposta dos EUA realmente fizesse sentido. Médias são enganosas e os tais 10% podem esconder altos subsídios para os alimentos, em muito responsáveis pela perda de incentivo da produção dos emergentes.

Em que pese O fato de o comércio de alimentos responder por apenas 8% das transações globais, o assunto dominou os debates do seminário. Anabel González, diretora da Divisão de Agricultura e Matérias-Primas da OMC, afirma que a atual escassez de alimentos roubou a cena dos outros conflitos de Doha. Para ela, houve uma mudança significativa no patamar de preços e essa realidade veio para ficar. González citou os argumentos conhecidos sobre a disparada do custo da comida. Do lado da oferta, houve questões climáticas a afetar as lavouras, o aumento significativo da cotação do petróleo, que encarece os alimentos pelo frete e fertilizantes, e a redução dos estoques de cereais, que aguçou o apetite dos especuladores nos mercados futuros do mundo inteiro. Quanto à demanda, mencionou os biocombustíveis, que estariam avançando sobre terras agrícolas, e o aumento do poder aquisitivo dos indianos e chineses. "Só o aumento da oferta resolveria a questão e um acordo na rodada atual daria segurança aos produtores para investir em alimentos", afirmou.

Mesmo Allgeier admite o excesso de subsídios aos agricultores americanos.

E o segundo maior volume financeiro, no mundo, que um governo concede ao campo, só perdendo para a União



POSE. Homem de confiança de Bush, Allgeier prega mais abertura comercial



RICOS VS. POBRES. Mais que tema econômico, a produção de comida vira questão humanitária

Européia. "O que estamos oferecendo em Doha beneficia muito mais os emergentes do que os países desenvolvidos", afirmou. "Brasil e Argentina nos oferecem menos. Stiglitz está errado em sua análise", disse. O embaixador norte-americano referiu-se às posições críticas do Prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz, especialmente expressas no livro *Fair Trade for All* (Comércio Justo para Todos), no qual traça um retrato histórico de como os ricos sempre se beneficiaram de rodadas comerciais multilaterais.

À *CartaCapital* Allgeier afirmou ser um defensor da liberdade comercial e disse acreditar que a crise hipotecária americana foi um fato restrito ao mercado financeiro. Ou seja, não considera que liberalizações irrestritas gerem distorções e injustiças. Também desqualificou o fato de os Estados Unidos estarem perdendo empregos, e muitos, tanto por causa da crise do *subprime* como da fuga das indústrias para países asiáticos, especialmente as montadoras. Ele também se mostrou

irritado com uma pergunta sobre o uso do milho para a produção do etanol nos EUA. "Não há qualquer relação com a alta dos preços dos alimentos", afirmou.

Para Josep Bosch, da Divisão de Informação da OMC, é preciso fortalecer o papel do organismo para impedir que as potências econômicas imponham seus interesses. Na sua avaliação, o comércio é a parte mais visível da globalização, que marcha com rapidez, e o Gatt, o tratado que antecedeu a criação da OMC, não contemplava temas contemporâneos, como o setor de serviços e a propriedade intelectual. Segundo ele, ao contrário do que ocorre no Fundo Monetário Internacional (FMI), a contribuição financeira dos países integrantes não lhes dá maior poder. Os 40% que detém a União Européia, por exemplo, não implicam mais votos que um minúsculo país da África. "Quando, ao final de unia

negociação, todos saem insatisfeitos, é o melhor dos mundos para a OMC, porque significa que houve um esforço conjunto e os envolvidos tiveram de abrir mão de alguns de seus interesses", brinca Bosch.

A Rodada de Doha já se alonga por sete anos. Iniciada em 2001, era para ter sido concluída em 2005. Um acordo prévio prevê o fim dos subsídios agrícolas até 2013, mas o problema é definir como se dará o processo de transição. E saber o quanto a crise de falta de alimentos, que aumenta o poder de ne-

gociação dos emergentes produtores de comida, emperrará os compromissos das nações desenvolvidas em abrir seus mercados. Mais do que um tema econômico, o aumento da produção passou a ser também uma questão humanitária. ■

*A jornalista viajou a convite da Fundação Friedrich Ebert Stiftung (FES)

Os países desenvolvidos perderam força nas discussões sobre subsídios